

A MORTE FELIZIzabela Aquino Bocayuva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Platão mostra Sócrates deveras feliz diante da própria morte (Fédon 58 e), ao mesmo tempo que diz que todos os que não filosofam têm a morte “como pertencendo ao número dos grandes males” (68 d), seja porque ela os estaria afastando de sua prazerosa vida material, seja por temerem, a partir de uma certa tradição religiosa órfica vigente desde o século VI a.C., que depois dela lhes pudesse advir algum mal (63 c). Desde essa mesma tradição religiosa, a qual considera que o viver consiste no aprisionamento temporário da alma no corpo como meio de purificá-la de um medo originário¹, Sócrates tem não a

¹ Orfeu foi músico extraordinário que, inconsolável, desceu ao Hades, mundo dos mortos, afim de resgatar sua amada morta por uma picada de serpente. Através de sua música ele joga com a morte e quase consegue ganhar o que quer. O que o impediu de consegui-lo foi ele ter virado para se certificar se sua amada vinha mesmo atrás dele. Com isso, conta o mito, ele quebrou um encantamento: era condição, para ter seu amor de volta, não querer verificar se Eurídice realmente o seguia na saída do Hades. Orfeu erra, ou melhor, burla as regras do jogo, quebrando o encantamento e depois, inconformado, não quer saber mais de nada, não olha mais para mulher alguma. As bacantes, seguidoras de Dionísio, ciumentas, o estraçalham durante uma noite santa e jogam sua cabeça e sua lira num rio que as carregará até Lesbos onde serão guardadas. As Musas, então, recolhem seus outros despojos e os enterram ao pé do monte Olimpo. (MEUNIER, Mário. Nova Mitologia Clássica. Pág 168-169) Pertence ao orfismo ainda o seguinte mito: “Dionísio, filho de Zeus, foi triturado e devorado pelos Titãs, os quais, por punição, foram queimados e incinerados pelo próprio Zeus, e das suas cinzas nasceram os homens.” (REALE, G. História da Filosofia Antiga Vol I pág.385). Há muito o que pensar e dizer a partir desses dois mitos, mas agora cabe apenas indicar algumas coisas: no mito de Orfeu, ele é estraçalhado em noite santa porque não supera nunca o que chamamos uma culpa, não aceita seu erro. Em seu jogo com a morte ele não lida nada bem com o limite. Em seu jogo com a morte ele não lida nada bem com a vida onde estão os erros. A quebra do encantamento seria apenas mais um incidente dentro dela, pois afinal erramos, quebramos coisas, perdemos, mas do modo como acontece com Orfeu no mito, a ruptura do encantamento tende a ser tomada como castigo diante do qual ele sucumbe. Por que castigo? Tratava-se apenas de um jogo com suas regras. Mas ele não lida mesmo bem é com o jogar. Já o outro mito conta que na geração dos homens há uma punição. Ser humano significa, a partir daquela história, ser punido e pelo deus dos deuses! Toda punição aterroriza. Quer dizer que nascemos já aterrorizados. O orfismo considera o viver em concreto justamente como a purificação ou a superação desse viver aterrorizado pelo estraçalhamento. Quem sabe, então, o que temos a fazer aqui não seja justamente desmistificar a punição e a culpa? Ora, a paixão, o sofrimento no viver em concreto nos amedronta. Mas e se aprendermos que a paixão não é uma punição? E se aprendermos que perder no jogo apaixonado indica a hora de mais uma vez recomeçar a jogar?

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

certeza, mas a forte esperança de poder ter sua alma, purificada pelo filosofar, libertada por inteiro após sua morte, para o pensamento, para a sabedoria, junto, quem sabe, de outras almas igualmente filosóficas (67c, 68a).

Fustel de Coulanges nos fala de uma experiência grega bem mais antiga em que se entendia que a morte de alguém significava prisão da alma junto ao cadáver². Entretanto, no momento histórico do qual tratamos aqui é ponto pacífico de que a morte signifique justamente o oposto disso: a separação da alma e do corpo e que, se por um lado, continue havendo uma preocupação com as honras prestadas ao morto no sepultamento – como fica claro quando, no Fédon, Críton pergunta a Sócrates sobre os destinos de seu corpo depois de morto –, por outro lado, é a partir daí que, pouca, ou melhor, nenhuma importância mais vai ser atribuída ao corpo, mas sim à alma (tida como imortal e incorpórea). Os funerais passam a ser vistos como mera formalidade de usos e costumes:

Como haveremos de enterrar-te? (pergunta Críton a Sócrates)

Como quiserdes – respondeu –, isto é, se conseguirdes reter-me a mim, e se eu não vos escapar! – Então riu docemente e, voltando-se para nós, disse: - Não há meio, meus amigos, de convencer Críton de que o que sou é este Sócrates que se acha presentemente conversando convosco e que regula a ordem de cada um de seus argumentos! Muito ao contrário, está persuadido de que eu sou aquele outro Sócrates cujo cadáver estará daqui a pouco diante de seus olhos; e ei-lo a perguntar como me deve enterrar! E quanto ao que desde há muito venho repetindo – que depois de morrer não estarei mais junto de vós, mas me encaminharei para a felicidade que deve ser a dos bem aventurados – tudo isso, creio, eram para ele vãs palavras, meras consolações que eu procurava dar-vos, ao mesmo tempo que a mim mesmo! Sede, pois, meus fiadores junto a Críton, garantindo-lhe o contrário daquilo que ele afiançou aos juizes. Ele jurou que eu ficaria no meio de vós; vós, porém, afirmai-lhe que não ficarei entre vós quando morrer, mas que partirei, que me irei embora! Esse é o único meio de fazer com que esta provação seja mais suportável a

Segundo o orfismo só a paixão pode proporcionar a grande transformação. Numa lâmina órfica encontrada em Turi está dito: “Alegra-te, tu que sofreste a paixão: antes não havias ainda sofrido isto. De homem te tornas-te Deus.” (REALE, G. História da Filosofia Antiga Vol I pág.369)

² COULANGES, Fustel de. *Cidade Antiga*. Nesta época arcaica, a cultura ou vida que havia era uma vida religiosa feita à base do culto aos mortos dos quais, acreditava-se, dependia inteiramente o bom ou mal andamento da vida dos vivos em todas as suas circunstâncias. Esse culto oferecia às almas dos mortos principalmente alimentos, sendo os cadáveres muitas vezes enterrados com vários de seus pertences e até mesmo escravos seus. Nesse mundo circulavam deuses por toda parte. Tudo acontecia por sua causa, na sua companhia ou senão pelo seu “abandono”.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

Críton, o meio de evitar que vendo queimar ou enterrar meu corpo, se impressione e pense que estou sofrendo dores inenarráveis, e que no decorrer dos funerais diga estar expondo Sócrates, conduzindo-o à sepultura e enterrando-o! (...) Realiza estes funerais como quiserdes e como achares mais conforme aos usos. (Fédon 115c-116a)

Nessa passagem vê-se bem como aquela antiga tradição que compreendia que depois de morto o corpo, a alma ficava presa ao cadáver aparece rompida. É tomada como “palavra vazia”. Um outro sentido, através da filosofia, que por sua vez é influenciada pelo orfismo, nasce. Corpo material morto sendo apenas corpo material morto e a alma sendo bem mais que animadora de um corpo. Sua alma é, segundo a fala de Sócrates, vida do espírito, seja antes de ele morrer, enquanto conversa com seus amigos, seja após sua morte, empreendendo uma viagem para fora.

Sócrates vê sua própria alma como bem-aventurada, mesma expressão que Platão usa na República para definir a vida feliz dos guardiões (533a), homens que são chamados iniciados e capazes de fazer uma experiência fundamental: a contemplação do Bem (505a-509b). No Banquete – e de certa forma também numa passagem do Fédon (100c-d) –, essa mesma iniciação se dá a partir da contemplação do Belo-em-si (211a-b). Duas experiências que certamente têm a ver com “preparar-se para morrer e estar morto”, já que esta é considerada, por Sócrates precisamente como sendo a tarefa própria à filosofia (64a) ao afirmar, não sem a exclamação interrogativa de seus companheiros³, que “...quando a pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignoram que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto!”

Como assim, a contemplação do Bem e do Belo significarem preparação para a morte?⁴ A contemplação é um modo de ver especial, exclusivo da alma, um ver espiritual. O que seria ver espiritualmente o Bem? E ver espiritualmente o Belo? No mínimo podemos dizer que um tal ver não está a olhar para coisas corpóreas, coisas belas ou coisas boas. A contemplação, ao mesmo tempo em que vê se envolve com o visto, isto é, aquele que contempla é incluído também no campo de visão. Tudo, na contemplação, é percebido ao mesmo tempo como num instante extraordinário em que “Tudo é um”. Nesse instante, o

³ Vemos o quanto desde há muito a morte vem causando impacto, repulsa.

⁴ Ou como diz Sócrates no *Fédon*: iniciação nos mistérios (69c-d)?

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

que existe não são coisas, sofrimentos ou prazeres, mas presença do mistério. O Bem e o Belo provocam uma tal experiência, ao mesmo tempo em que apenas são visíveis através dela.

Luz que ilumina o ambiente do pensamento, o mais admirável, o Bem é como o Belo-em-si, aquele que ao ser contemplado se mostra como “sempre sendo, sem nascer nem perecer, sem crescer nem decrescer, não de um jeito belo e de outro feio, nem ora sim ora não, nem quanto a isso belo e quanto àquilo feio, nem aqui belo e ali feio, como se a uns fosse belo e a outros feio.” E que nunca se mostra nem se mostrará como “um rosto ou mãos, nem como nada que o corpo tem consigo, nem como algum discurso ou alguma ciência, nem certamente como a existir em algo mais, como, por exemplo, em animal da terra ou do céu, ou em qualquer outra coisa.” (221a-b)

O Belo por si mesmo, consigo mesmo o mesmo, que não se altera enquanto nasce e perece tudo o mais que é chamado belo (211b) só pode ser, pois, o Cosmos em sua totalidade. Como assim? Trata-se aqui do momento da grande admiração e espanto diante da unidade originária, aquela que reúne tudo o que diverge e converge, aquela que concentra a diversidade, que acolhe tudo, todo bem e todo mal, todo dia e toda noite, toda vida e toda morte, toda dor e todo prazer, todo ódio e todo amor, toda guerra e toda paz. O Belo-em-si está para além do belo e do feio, abarcando igualmente os dois. Do mesmo modo, o Bem reúne tudo, sendo aquele que, como o sol que no mundo natural possibilita a existência de tudo sem interferir em coisa alguma, ele, o Bem, deixa ser tudo quanto é em seu ser. O sol é condição de possibilidade de que tudo o mais exista fisicamente, mas ele não arbitra sobre essas mesmas existências; não é ele que decide sobre elas e seus destinos físicos. Por sua vez, o Bem possibilita o pensamento, e também não arbitra sobre o que acontece no plano da inteligência. O pensamento provém da incomensurável e misteriosa abertura acolhedora de todo e qualquer acontecimento⁵.

O Belo-em-si e o Bem constituem o admirável princípio da realidade apenas perceptível súbita e sutilmente, extra-ordinariamente, operação impossível de ser realizada por um ser inanimado. Alma é anima, princípio vital, daí se dizer a tarefa da filosofia ser

⁵ E “acontecimento” significa aqui, precisamente o ser-pensável. Acontecer e ser-pensável estão juntos no mesmo plano, à luz do Bem sempre, isto é, à luz da doadora força do Possível, realidade em articulação incessante, onde tudo está sendo aquilo que pode ser: aquilo que cada coisa já é com todas as suas relações.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

preparar-se para morrer, pois a alma, sendo imortal e incorpórea, poderá, totalmente livre do corpóreo, sofrer plenamente a sensação de plena vida proporcionada pelo Bem e pelo Belo. Só isto é pensar e só isto é considerado felicidade por Platão.

A felicidade do filósofo Sócrates diante da própria morte não vem de um amor à morte; seu personagem não aprova o suicídio. Tampouco vem de um amor à vida, segundo o sentido usual que esta frase tem. Ele não é do tipo que acha a vida, tomada em sentido geral e abstrato, linda e maravilhosa. Ambos os casos dependem de algum fato, de alguma coisa: o que ama a morte depende do fato da morte, o que ama a vida depende de que nada de mal lhe suceda, pois os que usualmente amam a vida costumam amar mesmo é: as circunstâncias favoráveis, lhes trazendo, assim, qualquer infortúnio, a maior infelicidade. Diferente disso, a felicidade do filósofo não é uma felicidade de..., por causa de..., mas uma felicidade para..., a qual é praticamente inabalável. Ela provém da vivência e convivência extra-ordinária com o que também é inabalável, com o que é incessante: o próprio começo originário, “o que está acontecendo aqui e agora”, que é isto “outro” sempre. Platão chamava isso de vivência com a Verdade: o instante em que se dá simultaneamente a vida e a morte, o instante mais belo, o próprio bem acontecendo, deixando ser a geração de tudo: tanto da vida quanto da morte, tanto da limpeza, quanto da sujeira, e de tudo o mais⁶. Platão chamava isso de vivência com o Ser, com a totalidade de tudo o que é. Platão é filósofo. Via e vivia o que sempre poucos percebem e era isto que ele via e vivia, que sempre lhe vinha à fala. O filósofo é escolhido para, ao mesmo tempo que escolhe, falar isto. É como o caso do poeta, do pintor, do escultor, cada um apresentando o “isto” diferentemente, com seu traço próprio que conduzirá, talvez, um outro, mas invariavelmente, apenas ao começo: são caminhos que não levam a lugar nenhum, são apenas caminhos.

Em sua época, Platão deixou, a seu modo, falar o começo, a unidade originária e nesse modo de falar fica entrevisto um desprezo pelo corpóreo. O corpo, segundo ele, atrapalha, atrapalha justamente o encaminhamento na direção de fazer uma tal experiência

⁶ No fim da análise que o personagem Parmênides fez da idéia do Uno, em diálogo homônimo, Platão mostra a realidade entrelaçada em toda a sua articulação: “quer o uno exista quer não exista, tanto ele quanto as outras coisas, ou seja em relação com ele mesmo ou em suas relações recíprocas, todos eles de alguma maneira são tudo e não são nada, parecem ser tudo e não parecem nada.” No início do diálogo, Parmênides havia considerado Sócrates muito jovem na altura de seus vinte e cinco anos, para entender o quanto também a sujeira faz parte do inteligível.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

da totalidade a qual ele identificava com a felicidade. Quem está por demais preocupado com o sapato que vai vestir ou com afazeres domésticos ou com os prazeres libidinosos e os da mesa já está suficientemente ocupado a ponto de não ter espaço nem tempo para o extraordinário, mas também não para a felicidade. Deste modo de identificar a filosofia com a felicidade nasceu o grande problema da moral. Mas, é preciso repensar o “moralismo” no pensamento platônico.

Não será que levamos demais ao pé da letra o que acreditamos ser uma censura de Platão contra o corpo e o corpóreo? Não será que tomamos tudo isso por demais moralmente, isto é, à luz do cristianismo, segundo uma rotulação excludente de bem e mal, de bom e mau? Com certeza que nasce um “não” imperativo (mé) no centro do pensamento platônico. Seu modo de tratar pejorativamente e dizer não à gargalhada, por exemplo, e à embriaguez mostram isso imediata e textualmente. Mas, por que o filósofo não gargalha? Por que o “não”? Se, como vimos, o filosofar mostra-se como a preparação para dizer o grande sim a tudo, inclusive para a morte, por que o “não”, por que não gargalhar? Por que não gozar do prazer carnal? Desse empecilho de mil faces colocado no centro do pensamento de Platão, diria Nietzsche, nasceu a moral, nasceu Deus. Eis a grande crítica de

Nietzsche à Platão: o nascimento da moral. Ter transformado, por causa de um imperativo, o começo originário que sempre nos escorre das mãos rasgando tempo e espaço como a música, num modelo de referência, pronto e sobretudo seguro, a partir do qual algumas coisas são permitidas e outras não. Teria Platão mandado parar a música? Ou antes, o que está em jogo é justamente algo muito diferente disso? O que há no modo imperativo de dizer “não” de Platão se ele mesmo mostra o quanto o filosofar, enquanto acesso ao Bem e ao Belo, é exercício de dizer um imenso “sim” a tudo?

Acredito que há muita religiosidade esquecida na origem disso: uma experiência difícil de compreender hoje em dia⁷, assim como para o próprio Sócrates era inexplicável, embora realíssima a presença, nele, de um *daimon* que sempre intervinha para lhe aconselhar sobre o que não fazer.

⁷ Tanto quanto, parece, não era também compreensível para os contemporâneos de Platão o mito que ele narra para falar a viagem das almas após a morte, no diálogo *Fédon*. As palavras de Platão nessa passagem são propositalmente misteriosas.

Não é Sócrates, é uma divindade que diz “não”. Esse modo de falar gerou certos problemas. Normalmente tomamos esse *daimon* como entidade superior, e sua fala como mandamentos a serem cegamente obedecidos. No entanto, onde está dito que temos de entificar o *daimon* socrático? Na verdade, para Sócrates seu *daimon* é uma presença misteriosa, a presença misteriosa de um “não”. Sócrates a ausculta e acolhe. É assim que ele, na companhia silenciosa de seu *daimon*, se encontra então feliz naquele momento diante da própria morte. Essa felicidade só ele mesmo é que sente, não sendo possível convencer ninguém dela. Ele fala que nela há limite, há “não”. Qualquer um que vier reclamar, que vier duvidar, quer vier perguntar o porque dessa negação na felicidade, é que não sabe a coisa. Era desse saber que sempre tratou Platão: saber ser ou não feliz auscultando o “não”. Um saber tão singelo e difícil, tocado pela divindade e que dificilmente podemos compreender.

Costuma-se deturpar inteiramente esse saber. Começa-se por ignorá-lo, tratá-lo como algo da ordem do decorável, do repetível, ou seja, como aquilo que costumamos chamar de conhecimento. É assim que se toma o que está escrito na obra de Platão como sendo um modelo, um conhecimento instituído, um exemplo para a humanidade.

Mas, Platão foi, na verdade, realmente um imenso poeta! Um poeta que inventou uma personagem à qual deu o nome de filosofia, uma personagem que significa: viver o extra-ordinário ou amor ao saber e que de repente passou de personagem a sistema emblemático. A força de seus escritos impressiona atravessando os tempos. Entretanto, acredito não estar no que está imediatamente escrito o que ele quer dizer. Ele mesmo nos alerta para os terríveis perigos da escrita em seu diálogo Fedro. Quando ele fala de um *daimon*, por exemplo, que aconselha Sócrates a não fazer certas coisas, por que precisamos materializá-lo, entificá-lo como uma superioridade? Só porque Sócrates obedece? E se obedecer puder ser algo outro que a submissão⁸? Por que precisamos, apavorados, fazer logo uma listagem daquilo que entendemos serem proibições de uma tal entidade tida como superior? *Daimon*, em Platão, é uma palavra poética, ou como os filósofos gostam de dizer: um conceito. E quando Platão diz que o filósofo não gargalha, o “não gargalha” também é

⁸ A obediência supõe hier-arquia. Em grego *hierós* quer dizer sagrado, enquanto -arquia vem do verbo *archéo* que significa comandar. Desse modo, em grego, a hier-arquia tem a ver com a sacralidade, a orientação do sagrado, do mistério. Este sentido está perdido usualmente para nós.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

um conceito. Por que teria que ser um mandamento? E se esse e outros “não” na obra platônica forem todas provocações para pensarmos algo muito mais sutil do que a tábua dos dez mandamentos?

Platão não criou nenhum deus, mas, poeta que é, criou apenas diversos e necessários personagens que em suas relações, que não são poucas, articulam como numa teia a música do começo. É preciso começarmos a reler a filosofia mais como poesia do que como compêndio de informações. Normalmente se interpreta o “não” no centro do pensamento platônico como um “não-dever”, uma proibição, e passa-se isso adiante. Mas quem sabe, através do conjunto de tudo o que negou e recusou, ele não queria dizer justamente a imposição de um “não”, um certo “não” que dificilmente estamos dispostos a ouvir, um “não” aparentado com aquele “sim” do qual falávamos antes. Se for assim, gargalhemos bem relaxadamente para o modo como usualmente vimos compreendendo seu pensamento.

Quando ele diz não ao corpóreo, então, não quer fazer uma mera proibição, mas alertar para a obstrução daquela experiência extra-ordinária do “não” ou daquele “sim”. Mas será isso mesmo? Não será que devemos seguir a grande maioria que, partindo do texto instituído, só entende exclusivamente a negação como “não dever”, seja recusando-o enfim, seja aceitando-o moralistamente, obedecendo-lhe cegamente? A censura de Platão ao corpóreo usa as mesmas palavras que essa grande maioria usa para dizer não, o que é inevitável, pois falam a mesma língua. Isso, porém, é decisivo para acontecer uma grande confusão, porque não é o que textualmente está escrito ali ou o que é entendido em primeira aproximação que importa para o pensamento e sim o acolhimento profundo e silencioso do “não” divino do qual Platão fala no diálogo O Sofista, o “não” que está no princípio, junto a tudo que é e em todas as suas relações (256d-258c). Sua censura ao que é do corpo, portanto, ao contrário de moralista, é libertária, orienta para uma liberdade que igualmente não se pode convencer ninguém de que se a possui. Não é liberdade de..., mas liberdade para... Esse “para...” nunca pára de devir, é eternidade do “não”, eis o ente, o ón grego, o sendo, a realidade acontecendo, a Vida que inclui vida e morte, a Imortalidade. A morte feliz do filósofo provém de seu intenso e constante encontro com a vida, com a alma e o que é aparentado com a alma, esta que é justamente considerada imortal apenas pelo filósofo. Todos mais que não forem filósofos não vêm porque ela possa ser imortal: mais

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

uma situação da ordem do incompreensível a não ser para os iniciados nos mistérios, para os felizes diante da morte. A alma é mais uma figura, uma personagem, um conceito que foi coisificado a partir da textualidade de Platão. Podemos dizer que a alma, depois de Platão e ao mesmo tempo à revelia dele, passou a ser mesmo um corpo mensurável, inclusive dividido em três partes como aparece textualmente na República, ao qual se aceitou atribuir as categorias, dentre outras de imortalidade e incorporeidade, ambas expressões aí também já coisificadas. A obra de extremo vigor poético de Platão vem sendo transformada em manual técnico de conhecimento. Isso já é motivo suficiente para se falar, agora sim, em moralismo nascido a partir dela.

Na verdade, a identificação platônica do homem feliz com o filósofo não se funda em nenhum “dever ser”. Ninguém “deve ser” filósofo e muito menos feliz, até porque isso independe de todo e qualquer querer arbitrário. Não pode ser uma imposição nem de um alguém sobre um outro alguém, nem de ninguém sobre si mesmo. Platão fez soar o “não” poeticamente, a condição da musicalidade, do andamento do mundo, mas a força desse não, ao invés de alertar, assustou a humanidade: tomou-se como uma proibição o que ele dizia, acompanhada de um medo de ser punido caso não se rezasse sua cartilha de uma suposta bondade. O que fez a prática do cristianismo e o que fazemos ainda hoje senão pregar acima de tudo o conhecimento e a bondade? E se o ser bom em Platão não tiver nada a ver com o que chamamos de bondade, ser bonzinho? E se bondade, em sua obra, estiver sempre apontando para a experiência rara e extra-ordinária do Bem? Uma experiência que resguarda em si também o ser mau.

O que era criação e poesia foi feito sistema e chamado de conhecimento filosófico para mais tarde, em outras circunstâncias históricas ser chamado conhecimento científico. Desse modo, deixou-se de lado uma experiência de religiosidade que dificilmente somos capazes de fazer hoje, mas que já era também difícil no tempo de Platão. Uma religiosidade que orficamente, em sua prática, aprende a tornar-se um sem Deus porque aprende a ser deus⁹, isto é, a ser, como os deuses míticos olímpicos, cada um uma personagem de mil e uma histórias, podendo fazer tudo, ser tudo, ser bom e ser mau, ciumento e amoroso, podendo nascer, como Dionísio, mas também ser estraçalhado como ele o foi, tal como está

⁹ Ver fim da nota 1.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

dito no mito que dá origem ao orfismo¹⁰. É uma tal religiosidade que todo pensador procura deixar falar, mas é ela também que, esquecida, não vivida, cria, paradoxalmente, um Deus supremo e todo poderoso, assim como seus mandamentos institucionalizados, cerceadores da criatividade. Desse Deus se tem medo como se tem medo da morte, do estraçalhamento e nisso se tem toda a razão pois um Deus assim realmente faz cessar a geração, resfria, mata. Nota-se, então, aqui, duas coisas bem distintas: uma delas é religiosidade e a outra é uma certa instituição da religião. A primeira, aparentada com o que é animado, vivo, e a segunda com o que é corpo inanimado, frio, morto. Cabem nesse momento as palavras de Sócrates no Fédon que dizem: “Nota bem meu bravo Críton: a incorreção da linguagem não é somente uma falta cometida contra a própria linguagem. Ela faz mal às almas!” (115e).

Com essas palavras que falam de correção e incorreção, Platão recomenda atenção, delicadeza, sutileza no caminho e sobretudo ação, decisão. Ficou registrado, porém, como comum interpretação desse tipo de recomendação, aliás bem freqüente em sua obra, não a ação e a decisão, mas só o interdito do erro e a recomendação de segurança. A partir daí se aprofundou – porque, na verdade, ele já existia desde o princípio – todo um imenso medo de errar que adoce a ação.

O próprio Sócrates é também apresentado, no Fédon, como sofrendo de um temor de errar e de insegurança nos dias em que aguardava a realização de sua sentença de morte. Ele é um personagem tipicamente humano como qualquer um de nós¹¹. Mas, Sócrates, diante da morte, “não sabe” e aceita esse “não” agindo. Daí afirmar que: “é muito mais seguro não me ir sem antes ter satisfeito esse escrúpulo religioso com a composição de tais poemas, nem antes de haver prestado obediência ao sonho” (61a-b). Seu temor faz Sócrates no fim de sua existência extra-ordinária atender à recomendação de um sonho seu recorrente: fazer música, música mesmo, e não filosofia, metáfora da música. Sócrates age. Louva Apolo, o próprio Sol que banhou seus dias enquanto vivera sobre a terra firme, e honra Esopo, um genial fazedor de histórias inteligentes, musicando-lhe os mitos, deixando para o fim de tudo, para depois de sua morte, o canto do galo que pede a Críton para não

¹⁰ Ver nota 1.

¹¹ Como era humano também o personagem mítico Orfeu que ao virar as costas perde para sempre a sua amada Eurídice.

Bocayuva, Izabela Aquino
A morte feliz.

esquecer de oferecer em sacrifício para Asclépios, o deus da saúde, saúde de corpo e alma. Certamente uma oferenda para o bom andamento de sua próxima viagem.

Mas, o que podemos nós realmente saber desse gesto, deste galo oferecido? O que podemos nós realmente saber de cada conceito da obra de Platão? Somente o que pudermos pensar a seu respeito a partir das provocações dos textos. Não há um modo certo de pensar Platão, nem pensador, nem poesia, nem música alguma. Há sim modos múltiplos de fazê-lo. E como toda história segue sua ordem própria, provocando em muitos sentidos, eis mais uma provocação de Platão que vem bem a calhar: trata-se de uma fala de Sócrates na República que diz: “o filósofo, convivendo com o que é divino e ordenado, tornar-se-á ordenado e divino até onde é possível a um ser humano. Embora em toda parte se multipliquem os detratores.” (500c-d).

BIBLIOGRAFIA:

COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

Tradução de Fernando de Aguiar.

MEUNIER, Mário. Nova Mitologia Clássica. Ibrasa: São Paulo, 1976. 2a ed.

Tradução de Alcântara Silveira.

PLATÃO. Fédon. Coleção os pensadores. Abril Cultural: São Paulo, 1972.

Tradução de Jorge Paleika e João Cruz Costa.

_____. Obras completas. Universidade Federal do Pará: Belém, 1980. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

REALE, G. História da Filosofia Antiga Vol I. Edições Loyola: São Paulo, 1993.

Tradução de Marcelo Perine

Izabela Aquino Bocayuva

e-mail: izabelaq@unisys.com.br